

A AVIAÇÃO DOS ESTADOS UNIDOS COMO ELEMENTO DE DISSUAÇÃO

Pelo General HOYT S. VANDENBERG

Comandante da Aviação norte-americana. Publicação de *The Quartermaster Review*. Extraído de "Ejército".

Tradução e adaptação dos Ten.-Cel. CÉSAR NEVES e Maj. HERACLIDES DE ARAÚJO NELSON.



DILEMA em que se encontram os Estados Unidos foi enunciado da seguinte maneira: de uma parte se constituímos forças próprias e aliadas insuficientes, convidamos a que a insaciável onda comunista inunde o mundo livre; porém, se, pelo contrário, gastamos demasiadamente durante muito tempo acumulando força militar, vamos nos expor à derrota pelo desmoronamento econômico.

Para começar, considerarei igualmente sérios ambos perigos. Porém, rogo aos leitores que ao meditare[m] sobre o tema avaliem se verdadeiramente ambos riscos são iguais. Repassada em vossa memória as experiências humanas que chamamos a História; podemos todos, provavelmente, citar uma dúzia de nações que, por descuidar seus preparativos militares, tem sido presa dos seus conquistadores. Por minha parte, hei procurado em vão recordar uma só que tenha perecido por armar-se excessivamente. É possível que esta última contingência seja possível; porém opino que a América do Norte, o país que neste momento domina o Mundo, em questão de recursos econômicos, numa medida sem precedentes na História, é a nação menos exposta a este perigo.

Não quero de modo algum dar a impressão de que devamos gastar às tontas e às cegas em armamento. Pelo contrário, a preservação de uma economia nacional vigorosa e frutífera, e a do nível de vida mais elevado que seja possível para o povo norte-americano, exigem que as inversões em armamento se restrinjam ao indispensável para manter a segurança nacional. Ningüém, e muito menos um militar, se oporá a este princípio.

Porém, tal afirmação tem um pequeno defeito, o fato de que a ameaça dinâmica e não estática passa por alto o fator tempo, que é a incógnita da equação. A menos que aumentemos as nossas forças mais rapidamente do que aumenta a ameaça que temos em vista, nossos sacrifícios, por maiores que sejam, tornar-se-ão estéreis. O tempo trabalhará contra nós e não a nosso favor!

Tal como eu vejo o problema, nosso dilema não é escolher entre o desastre militar ou a ruína econômica, é melhor que tentemos que escolher entre um acúmulo prolongado e monótono de armamentos e um esforço decidido para lograr no mais curto prazo possível um nível de força militar que, estando dentro de nossa capacidade econômica, nos permita manter a segurança nacional ou, em outras

palavras um nível de força que constitua um instrumento eficiente para a nossa diplomacia.

O exemplo pode parecer um tanto simplista, porém os Estados Unidos encontram-se atualmente na mesma situação de um viajante que se prepara para sair em viagem. A tentativa de carregar tudo quanto possa necessitar é grande; porém o viajante experimentado sabe que somente pode levar até um determinado peso, e por isso somente põe na mala as coisas essenciais e que somadas não excedam o limite do peso. Além do mais ele sabe que tem que decidir rapidamente porque senão se arrisca a perder o vapor.

Uma coisa muito parecida se passa em nosso país com relação ao armamento. A nossa viagem pode ser longa e penosa, e nos interessa apenas escolher as coisas essenciais que nos sustentarão e que nós poderemos sustentar, tanto tempo quanto for necessário.

Creio que nesta questão deveríamos ter como guia o seguinte princípio básico: o plano militar nacional deve prover a constituição exclusivamente daquelas forças que, em primeiro lugar, exercerão a maior influência possível para dissuadir a União Soviética e aos seus satélites de qualquer propósito agressivo que possam ter e que, em segundo, assegurarão a nossa sobrevivência no caso de sermos atacados. Em suma, devemos ter uma força dissociativa e de sobrevivência.

Este princípio básico tem alguns corolários. O primeiro é que não podemos constituir unidades e armazenar armas pela única razão de que possam chegar a ser-nos necessárias; devemos reunir apenas as que forem essenciais.

O segundo é que não estoqueemos armas não essenciais com a mera intenção de igualar as dotações bélicas dos três Exércitos.

Se pretendessemos equilibrar as forças destes três entre si, em lugar de apropriá-las às tarefas que temos pela frente, o único resultado possível seria um aumento

desnecessário do Orçamento da Defesa, o que, além de prejudicar a economia nacional, não nos daria a força militar que a nossa posição no mundo exige.

A importância de termos observado estes princípios aparece não somente nas desmedidas proporções da constituição de forças que acabamos de empreender, como também pela possibilidade de que tenhamos que manter um nível de forças considerável durante um longo período de tempo.

Nós, os norte-americanos, estamos acostumados a nos rearmarmos em grande escala somente quando nós somos compelidos a sustentar uma guerra também em grande escala. Habituaados a considerar uma mobilização como um curto período de atividade intensa (para não dizer dissipadora), obtida a vitória, procedemos a uma desmobilização igualmente precipitada. Porém, enquanto tivermos que tratar com a União Soviética, não podemos continuar com este método: o Kremlin é paciente e sabe aproveitar as oportunidades; quando se sente em situação desvantajosa, retrai-se para apresentar-se de novo, quando julga haver passado o perigo; espera ter mais resistência do que nós. Por isto devemos entrar nesta pugna fatídica, neste forcejar entre a paz e a ameaça de uma guerra geral, com a determinação de não esmorecer diante da pressão de não sermos afastados da tarefa imediata por inconvenientes passageiros, medindo com sobriedade os nossos recursos e concentrando-nos nas coisas realmente importantes.

Até este momento tenho estado falando de generalidades, expondo os princípios que eu creio devamos seguir. Agora queria assinalar como têm sido aplicados estes princípios no programa atual de desenvolvimento da Aviação.

Como já sabeis a Comissão de Chefes dos Estados-Maiores e o Ministro da Defesa têm recomendado que as forças de Aviação sejam aumentadas para 126 Brigadas Aéreas de Combate e mais 17 Regimentos de Transporte.

Este programa é o resultado de um exame amplo e sincero das realidades da luta mundial contra o comunismo e de uma análise dos nossos pontos fortes e fracos, assim como dos nosso inimigo potencial. Foram estabelecidas as missões estratégicas, e os nossos Chefes militares manifestaram os seus juízos ponderados sobre a maneira pela qual poderiam levar a cabo estas missões do modo mais eficaz. Depois foram fixadas as forças para executá-las.

Esta constituição de forças aéreas não proporciona ao país os efetivos totais para uma guerra geral. Mas contudo as que constituem devem ser consideradas como um elemento de dissuasão e de alerta, isto é, forças bastante poderosas que inclusive um provável agressor se retraia ante o provável custo da sua agressão, ou que se não bastarem para dissuadi-lo, sejam capazes de iniciar instantânea e eficazmente uma guerra de sobrevivência.

Examinemos agora, em primeiro lugar, o aumento de meios materiais que se acha em vias de realização, e depois, a missão estratégica que foi atribuída a estas forças.

Analisar os altos e baixos da nossa Aviação desde a terminação da 2ª Grande Guerra Mundial seria demasiado penoso. Em um dado momento chegamos a ter nada mais do que 32 Brigadas, e dessas, somente algumas em condições de combater. Porém uma série de acontecimentos, e sobretudo a agressão dos comunistas chineses na Coreia, convenceram o país da realidade da hostilidade Soviética, pelo que, em janeiro de 1951, a nossa Aviação foi autorizada a elevar a sua força até 95 Brigadas, das quais 80 deveriam ser de combate.

Este programa nunca foi considerado como outra coisa a não ser uma transição a partir da qual poderíamos passar para uma força maior, se a situação internacional tornasse necessária. Inicialmente esperava-se que teríamos as 95 Brigadas para junho de 1952, sem dúvida, devido ao prolongado período

de gestação que, requer a produção do material aéreo, poz-se em evidência que inclusive em meados de 1952, uma boa parte das 95 Brigadas continuaria equipada com material da 2ª Grande Guerra Mundial.

No verão de 1951, quando faltava ainda um ano para que transcorresse o prazo previsto, surgiu a necessidade de um novo aumento da força militar do nosso país. A Comissão de Chefes dos Estados-Maiores que acompanha cuidadosamente a situação internacional, opinou que é na Aviação onde existe um desnível maior entre as forças autorizadas e as que são necessárias. Em consequência, foi determinado aumentar de 50 por cento o Programa das 95 Brigadas Aéreas.

Não me resta a menor dúvida de que o novo aumento está bem. Se fôr suficiente ou não o demonstrarão os acontecimentos futuros. Devemos atualizar os nosso planos em face das realidades que surgem a cada dia e mantê-los flexíveis, sempre levando-se em conta os anos que se precisam para os progressos aeronáuticos. É significativo, sem dúvida, que os níveis de força dos três Exércitos determinados pela Comissão de Chefes dos Estados-Maiores baseiam-se no reconhecimento das mudanças ocorridas na estrutura mundial do poderio militar e na determinação das tarefas militares específicas classificadas por ordem de urgência e de importância. Em outras palavras, o termo "forças equilibradas" adquire agora o seu verdadeiro significado.

As mudanças na estrutura mundial do poderio militar têm sido originadas pela realidade geográfica da União Soviética. Esta, junto com os seu satélites europeus e asiáticos ocupa uma enorme massa terrestre continental. Como que só depende de suas comunicações internas e apenas tem uma linha costeira exposta relativamente pequena, as forças navais de superfície não podem atuar contra ela em grande escala, e a sua enorme extensão territorial e inesgotáveis recursos debográficos fazem tam-

bém com que as forças terrestres clássicas tão pouco ofereçam probabilidade de influir decisivamente contra ela. É óbvio que a União Soviética é, antes de tudo, vulnerável à ação das forças aéreas de terra e de mar.

O mesmo acontece com os Estados Unidos, porém, devemos levar em conta que além disso temos um ponto muito sensível nas nossas linhas de comunicações marítimas, muito expostas à ação dos submarinos e campos de minas soviéticos. Os progressos soviéticos na arma atômica e nos meios de seu lançamento constituem também um perigo cada dia mais sério.

Esses são os principais fatores na situação estratégica mundial. Quais são as tarefas militares nacionais que correspondem à nossa Aviação?

A mais importante delas é a defesa do nosso território continental. Tanto no nosso próprio interesse como no caráter já reconhecido de líderes do mundo livre e de seu arsenal, exigem que esta tarefa se anteceda às demais. Ligada inseparavelmente a ela, sob o ponto de vista dos nossos interesses mais elevados e das nossas responsabilidades ante o mundo, esta nossa participação na defesa da grande Comunidade dos países ocidentais (NATO).

No estado atual da arte de defesa aérea, inclusive o sistema mais eficiente de interceptação radar e a defesa antiaérea não pode garantir-nos a imunidade contra um decidido ataque aéreo inimigo em força.

A única defesa segura contra o ataque aéreo é um contra ataque de represália que extirpe a ameaça na sua origem. Por isso, aquela é a nossa primeira e primordial tarefa.

A nossa Aviação tem se capacitado sempre da grave responsabilidade que esta tarefa pesa sobre ela. Inclusive durante os anos em que os recursos disponíveis para a Defesa eram muito menores que atualmente, manteve-se firme no princípio de que o elemento primordial da sua potência ofensiva

(as forças de bombardeio estratégico) não devia se descuidar nem chegar a um nível tão baixo que não permitisse a ampla exploração do maior recurso militar norte-americano: as nossas reservas de armas atômicas.

Este foi o seu ponto de vista inclusive antes de que a União Soviética fizesse deflagar a sua primeira bomba atômica. Porém, o posterior aumento das forças estratégicas atômicas russas teria tornado imensamente maior e mais complicada a tarefa da nossa própria aviação estratégica: enquanto que anteriormente o seu trabalho consistia em paralizar os centros de produção inimigos, ao surgir a aviação estratégica soviética e a bomba atômica russa, tem sido aumentada aquela (no caso de sermos atacados) com a missão de localizar e destruir o principal elemento de agressão inimiga contra a nossa metrópole. Ao mesmo tempo o sistema de interceptação radar e a defesa antiaérea dos Estados Unidos, que até muito recentemente era meramente simbólica, converteu-se numa pesada obrigação para a nossa Aviação.

Em resumo, a defesa aérea direta dos Estados Unidos exige a técnica de "parada e estocada". É evidente que esta dupla função somente pode ser realizadas por forças em presença e prontas para o combate a partir do primeiro instante das hostilidades.

Por conseguinte, uma parte muito importante do acréscimo autorizado será destinado ao Comando Aéreo da Defesa e ao Comando Aéreo Estratégico.

Voltemos agora à Europa. Todos nós sabemos o que os nossos compromissos com a NATO exigem dos Estados Unidos. As grandes nações européias, abaladas e esgotadas pelas convulsões de duas guerras mundiais, perderam, no momento, a capacidade de se defenderem se não forem ajudadas.

Hoje nos defrontamos com a triste realidade de que, inclusive nas circunstâncias as mais favoráveis, as forças terrestres máximas que os nossos aliados possam mobilizar

e manter são amplamente superadas pela União Soviética e seus satélites.

Qualquer apreciação realista da tarefa militar da NATO deve reconhecer dois fatores críticos:

1º. Assim na Segunda Grande Guerra Mundial o emprêgo de nossas forças terrestres pôde ser adiado até que se decidiu a batalha pela supremacia aérea; agora é diferente: já temos as nossas forças terrestres na Europa; se sobrevier a guerra, as batalhas terrestres e aéreas serão travadas simultaneamente.

2º. A superioridade numérica das forças terrestres soviéticas será acompanhada da superioridade das suas forças aéreas. Neste ponto, devo de passagem assinalar que as unidades de Aviação norte-americanas diretamente atribuídas às forças da NATO representam apenas uma parte da força total prevista, a qual, sem dúvida, não nos dará nem sequer a igualdade com as forças aéreas táticas que os vermelhos podem lançar em combate.

Isto poderia parecer uma perspectiva sombria, se o domínio do ar reposasse inteiramente nas forças aéreas táticas. Por certo a guerra já nos tem ensinado que a vitória aérea se consegue finalmente por meio da destruição dos elementos essenciais da aviação inimiga, como por exemplo, o carburante. Chegados a este ponto entra novamente em jogo o nosso Comando Aéreo-Estratégico, pois possui o alcance e o poder ofensivo suficientes para "encarregar-se" da origem da potência aérea soviética. Devemos, pois, confiar em nossa arma estratégica atômica para compensar a nossa debilidade fundamental inerente à situação geográfica da NATO frente à Rússia.

Isto não quer dizer que os bombardeios estratégicos atômicos constituam a solução completa e imediata do problema concreto de defender uma determinada linha terrestre na Europa Ocidental. A prudência exige que providenciemus antecipadamente, o melhor que for possível, o remédio para fazer

frente a uma súbita e danosa irrupção de forças terrestres e aéreas comunistas contra o nosso sistema elástico de defesas. Posso dizer a este respeito, que a proposta expansão da nossa Aviação até as 126 Brigadas Aéreas de Combate quase duplicará o número das Brigadas do nosso Comando Aéreo Tático. Além do mais o novíssimo equipamento das novas Brigadas Aéreas Táticas aumentará muitíssimo a sua eficácia.

Tenho me ocupado minuciosamente do problema da defesa europeia, principalmente porque durante quase quatro decênios tem sido o que tem exigido a maior parte dos nossos recursos militares e econômicos. Porém, ao mesmo tempo as nossas pesadas e crescentes responsabilidades na Europa não devem fazer-nos descuidar os outros acontecimentos que têm lugar em outras partes do mundo, especialmente no Extremo Oriente.

Porque já há alguns anos estamos engajados numa luta sangrenta na Coréia, isto é nos antipodas da Europa Ocidental. Quero assinalar, em relação à importância desta guerra, que, embora ela tenha sido descrita como uma guerra "limitada" e "provavelmente pequena", foi suficientemente importante para levar àquela zona uma parte considerável das Unidades de combate da nossa Aviação. A manutenção desta guerra afetou as reservas de que dispomos quase até o limite e atrasou o calendário para a ordenada expansão do conjunto da nossa Aviação.

A Coréia oferece-nos uma lição objetiva do que custa sustentar uma linha. Ali a nossa superioridade aérea e naval tem compensado em grande parte a nossa inferioridade numérica em forças terrestres. Porém, a Coréia, sem dúvida não deve ser considerada como um "Campo de Provas" que indique fielmente o grau de influência da aviação na luta terrestre, e isto pelas limitações que em relação à ação aérea tem aceitado ambos os contendores. Contudo o rápido envio por parte da União Soviética de grandes forças aéreas àquele Teatro de

manter são amplamente superadas pela União Soviética e seus satélites.

Qualquer apreciação realista da tarefa militar da NATO deve reconhecer dois fatores críticos:

1º. Assim na Segunda Grande Guerra Mundial o emprego de nossas forças terrestres pôde ser adiado até que se decidiu a batalha pela supremacia aérea; agora é diferente: já temos as nossas forças terrestres na Europa; se sobrevier a guerra, as batalhas terrestres e aéreas serão travadas simultaneamente.

2º. A superioridade numérica das forças terrestres soviéticas será acompanhada da superioridade das suas forças aéreas. Neste ponto, devo de passagem assinalar que as unidades de Aviação norte-americanas diretamente atribuídas às forças da NATO representam apenas uma parte da força total prevista, a qual, sem dúvida, não nos dará nem sequer a igualdade com as forças aéreas táticas que os vermelhos podem lançar em combate.

Isto poderia parecer uma perspectiva sombria, se o domínio do ar repousasse inteiramente nas forças aéreas táticas. Por certo a guerra já nos tem ensinado que a vitória aérea se consegue finalmente por meio da destruição dos elementos essenciais da aviação inimiga, como por exemplo, o combustível. Chegadas a este ponto entra novamente em jogo o nosso Comando Aéreo-Estratégico, pois possui o alcance e o poder ofensivo suficientes para "encarregar-se" da origem da potência aérea soviética. Devemos, pois, confiar em nossa arma estratégica atômica para compensar a nossa debilidade fundamental inerente à situação geográfica da NATO frente à Rússia.

Isto não quer dizer que os bombardeios estratégicos atômicos constituam a solução completa e imediata do problema concreto de defender uma determinada linha terrestre na Europa Ocidental. A prudência exige que providenciemos antecipadamente, o melhor que for possível, o remédio para fazer

frente a uma súbita e danosa interrupção de forças terrestres e aéreas comunistas contra o nosso sistema elástico de defesas. Posso dizer a este respeito, que a proposta de expansão da nossa Aviação até as 126 Brigadas Aéreas de Combate quase duplicará o número das Brigadas do nosso Comando Aéreo Tático. Além do mais o novíssimo equipamento das novas Brigadas Aéreas Táticas aumentará muitíssimo a sua eficácia.

Tenho me ocupado minuciosamente do problema da defesa europeia, principalmente porque durante quase quatro décadas tem sido o que tem exigido a maior parte dos nossos recursos militares e econômicos. Porém, ao mesmo tempo as nossas pesadas e crescentes responsabilidades na Europa não devem fazer-nos descuidar os outros acontecimentos que têm lugar em outras partes do mundo, especialmente no Extremo Oriente.

Porque já há alguns anos estamos engajados numa luta sangrenta na Coreia, isto é nos antípodas da Europa Ocidental. Quero assinalar, em relação à importância desta guerra, que, embora ela tenha sido descrita como uma guerra "limitada" e "provavelmente pequena", foi suficientemente importante para levar àquela zona uma parte considerável das Unidades de combate da nossa Aviação. A manutenção desta guerra afetou as reservas de que dispomos quase até o limite e atrasou o calendário para a ordenada expansão do conjunto da nossa Aviação.

A Coreia oferece-nos uma lição objetiva do que custa sustentar uma linha. Ali a nossa superioridade aérea e naval tem compensado em grande parte a nossa inferioridade numérica em forças terrestres. Porém, a Coreia, sem dúvida não deve ser considerada como um "Campo de Provas" que indique fielmente o grau de influência da aviação na luta terrestre, e isto pelas limitações que em relação à ação aérea tem aceitado ambos os contendores. Contudo o rápido envio por parte da União Soviética de grandes forças aéreas àquele Teatro de

Operações introduziu na situação um fator inquietante.

A agressão comunista parece haver adotado uma nova modalidade: a agressão a cargo dos satélites. A prudência aconselha que conservemos os nossos recursos militares principais para fazer frente ao período de uma guerra geral. Este envio de aviação russa à China e outros acontecimentos afins parecem sugerir que a União Soviética pode estar se preparando para uma série de "guerras limitadas" oportunistas (um forcejamento gradual a cargo dos satélites dotados de armas modernas) destinadas a desgastar os ocidentais.

Baseando-se na experiência da Coréia, parece evidente que nem o nosso país nem os nossos aliados têm possibilidades de adotar uma estratégia que exija um cinturão interminável de guarnições ao longo das fronteiras soviéticas.

Certamente, a expansão soviética deve, de algum modo, ser combatida. A única alternativa prática para o emprêgo fragmentário das nossas forças armadas militares é a constituição de um "depósito" central que possa atender rapidamente às zonas críticas ou que, se fôr necessário, permitir uma concentração de meios contra a União Soviética.

Sem aviação, o nosso problema estratégico, que é mundial será insolúvel. Felizmente, os progressos da aviação nos permitem resolvê-lo porque a nossa tem o raio de ação,

a flexibilidade e o poder de destruição precisos para levar a cabo os nossos planos estratégicos defensivos numa escala mundial. Admitido um sistema de bases adequado, pode ser transferida rapidamente de uma para outra parte do mundo e, com isto, servir aos interesses de uma estratégia que, tal como se apresentam as coisas, deve ser sempre muito flexível.

O gênio científico e industrial dos Estados Unidos tem contribuído decisivamente para a criação da força aérea e da energia atômica. Mesmo que outro país, num ousado intento de dominação mundial, procure arrebatar-nos a dianteira nessas esferas, não deve desanimar-nos porque está em nossas mãos restaurar o equilíbrio de forças que é o primeiro requisito para se conseguir a paz mundial.

Embora já não monopolisemos as armas atômicas, conservamos ainda uma grande vantagem sob este aspecto e mesmo que nos seja disputada a supremacia no que concerne à aviação, a nossa experiência e os nossos conhecimentos no emprêgo das forças aéreas não têm rival. De minha parte, não vejo razão para que sejamos pessimistas; se verdadeiramente o desejamos, está perfeitamente dentro dos nossos meios reconquistar a nossa anterior supremacia aérea e retê-la. E não há processo melhor do que este para salvaguardar a paz mundial.

Banco Indústria e Comércio de Santa Catarina S.A.

Agência do Rio de Janeiro

RUA VISCONDE DE INHAÚMA, 134-C — CAIXA POSTAL, 1239
END. TEL. "RIOINCO"

Gerência, 23-0556 — Subgerência, 43-1112

Contadoria, 23-2329 — Cobranças, 43-9780

RIO DE JANEIRO

ABRA UMA CONTA NO "INCO" E PAGUE COM CHEQUE

(N. 6)